

EVARISTO, CONCEIÇÃO. *HISTÓRIAS DE LEVES
ENGANOS E PARECENÇAS*. RIO DE JANEIRO:
MALÊ, 2016A.

VALERIA ROSITO FERREIRA*

* Professora adjunta de Literatura Brasileira na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
(Instituto Multidisciplinar/Departamento de Letras)

As irmãs de Sabela, outras filhas de Madrinha Sabela, parece que se esqueceram da chuva, só Sabela, tão memória como a mãe, quer desenrugar as faces do tempo. Sabela, filha de Sabela, neta de Sabela, bisneta, tataraneta de outra Sabela, desde o nome, sacralizou o passado. Sabelas, Sabelas. “Sabela”. Conceição Evaristo

Sabe, eles endireitaram o rio Mississipi em alguns lugares, para abrir espaço para casas e terrenos habitáveis. Volta e meia o rio inunda esses lugares. “Inunda” é a palavra que se usa, mas na realidade não é inundação; é lembrança. Lembrança de onde ele costumava correr. Toda a água tem memória perfeita e para sempre tenta voltar para onde estava. Os escritores/as são assim também: lembrar onde estávamos, que vale atravessamos, como eram as margens, a luz que estava lá e o caminho de volta ao lugar original. É memória emocional – o que os nervos e a pele lembram como também a forma de sua deflagração. E uma golfada de imaginação é nossa “inundação”. O lugar da memória. Tony Morrison¹

Ao conceituar o contemporâneo como uma relação especial e desconfortável com o presente, Agamben (2009) recorre a uma profusão de imagens inegavelmente caudatárias daquelas evocadas por Walter Benjamin (1994). Trata-se de se enxergar a escuridão, não como “ausência de luz”, mas ao invés, como

1 Tradução minha de: “You know, they straightened out the Mississippi River in places, to make room for houses and livable acreage. Occasionally the river floods these places. ‘Floods’ is the word they use, but in fact it is not flooding: it is remembering. Remembering where it used to be. All water has a perfect memory and is forever trying to get back to where it was. Writers are like that: remembering where we were, what valley we ran through, what the banks were like, the light that was there and the route back to our original place. It is emotional memory – what the nerves and the skin remember as well as how it appeared. And a rush of imagination is our ‘flooding’”.

resultante produtiva da superexposição à veloz luminescência que atravessa os fenômenos de ordem social e cultural (ibid., p. 62-64). Com efeito, se considerarmos a volatilidade e celeridade com que o capitalismo avançado e sua insidiosa indústria cultural produzem identidades – “*cloakroom communities*” ou “comunidades de carnaval”, na dicção de Bauman (2001) – vale questionar a produção de novos lugares da verdade a partir de procedimentos mais dubitativos. Férteis, os tempos “revisonistas” exigem, sobretudo, cosmovisões que ultrapassem o simples câmbio de posições de um mesmo sistema de forças.

Como, por que meios e com que efeitos então emerge a escrita de Conceição Evaristo, escritora afro-brasileira contemporânea, irrigadora das veias da tradição, da memória ancestral e, ao mesmo tempo, de temas politicamente conturbados, como a convivência da mobilidade social das populações negras com a persistência da violência contra a mulher negra (ROSITO, 2013)? Sua trajetória como ficcionista se delineia anteriormente ao seu ingresso na esfera acadêmica, em resultado de seu engajamento com movimentos negros e publicações inaugurais nos *Cadernos Negros* da Quilombohoje, na década de 1980. Além de sua produção propriamente ficcional e poética, a escritora interfere em uma lógica de produção e circulação de saberes com leis próprias, como atesta sua recente manifestação contrária à aparente ausência de escritores negros na Feira Literária de Paraty de 2016 (EVARISTO, 2016b). Como postula reiteradamente: “A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é uma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito” (id., 2010).

Afinal, se o crescimento do público leitor junto às populações afrodescendentes é tão relevante quanto a proliferação de autores e autoras etnicamente comprometidos (AGUALUSA, 2016), talvez lhes seja estratégica, por vezes, certa medida didática e cerebral no revisionismo desejado. Para tal propósito, é flagrante a centralidade da figura da narradora na produção de Conceição Evaristo. De forma geral, cabe às personagens femininas a responsabilidade de cultivar e disseminar lugares da memória com recurso privilegiado às narrativas orais e escritas – uma tarefa concorrente ou mesmo equiparada a atos de autocriação (ROSITO, 2013, p. 87).

Em Evaristo, “escrevivência” se prova conceito fundamental. Traduz-se por articulações da memória recente, com vieses mais acentuadamente autobiográficos, ou da memória ancestral, com lacunas e vestígios de idos imemoriais, que

se plasmam com investimentos fortemente imaginativos. Interessada nas numerosas narrativas de escravizados/as nos Estados Unidos, a escritora afro americana e Prêmio Nobel Tony Morrison aponta que, a despeito daquela prodigalidade,

Repetidamente, os/as escritores/as abreviam a narrativa com uma expressão tal como “Mas lancemos um véu sobre tais procedimentos terríveis demais para se relatarem.” Ao moldar a experiência para torná-la palatável àqueles/as que se encontravam em posição de aliviá-la, eles/as silenciaram sobre muitas coisas, e eles/as “esqueceram” muitas outras. (MORRISON, p. 301)²

No eco da personagem Sabela, da mais recente antologia de Conceição Evaristo: “Alguém já disse que a fala e a mudez moram na mesma casa e que de vez em quando uma pisa no pé da outra. O lembrar e o esquecer também coabitam sob o mesmo teto. Às vezes trombam e sangram” (EVARISTO, 2016a, p.103). Seja o esquecimento involuntário ou politicamente condicionado, estancar o “sangramento” entre o esquecido e o lembrado, torna-se uma exigência de uma “literatura de resgate”, especialmente se se levam em conta os efeitos remanescentes no presente daqueles interditos. Ainda com Morrison, é a “vida interior”, abortada das narrativas de seus ancestrais, que a capturam em sua lavra literária. E como não é pleno o acesso à “vida interior não escrita daquelas pessoas” pelas memórias e rememorações, “somente o ato da imaginação pode ajudar”:

Para mim, escritora do último quartel do século XX, a não muito mais de cem anos da Emancipação, escritora negra e mulher – o exercício é muito diferente. Minha tarefa se traduz em como rasgar aquele véu lançado sobre “procedimentos terríveis demais para se relatarem.” O exercício é crítico também para qualquer pessoa que seja negra, ou que pertença a qualquer categoria marginalizada,

2 Tradução minha de: “Over and over, the writers pull the narrative up short with a phrase such as, ‘But let us drop a veil over these proceedings too terrible to relate.’ In shaping the experience to make it palatable to those who were in a position to alleviate it, they were silent about many things, and they ‘forgot’ many other things”.

porque, historicamente, fomos raramente convidados/as a participar do discurso, mesmo quando éramos dele seu tópico. (ibid, p. 302) ³

Não se trata, em seus termos, somente de mover o véu, de somente indicar a presença do que se escondia, mas de rasgar o véu, de lavar esteticamente tal ausência para, por fim, vingar plenamente vivências anuladas ou somente parcialmente referenciadas, de expor a riqueza dos “interiores” frequentemente achatados por retratações planas e, não raro, estereotipadas.

Nesse sentido, além de feições particularizadas impressas ao menor de seus personagens (ROSITO, 2007, p. 220), seus enredos sugerem uma ordem cósmica regida por solidariedade e justiça, especialmente nos casos em que o destino comunitário dos menos privilegiados está em questão. Dá mostras o rol alegorizado de sobreviventes do memorável dilúvio que se abateu sobre a cidade da narradora de “Sabela”, em *Histórias de leves enganos e parencças*:

Mas não foi só a nossa casa que não ruiu, outras também resistiram. Salvaram-se a maternidade, a casa da mãe do prefeito, o hospital, em que ficavam encarceradas as pessoas julgadas insanas, a única cadeia da cidade e o prostíbulo. Permaneceram também ilesos o prédio da escola e o circo de uma família de ciganos, os Vencianos, protegidos sob as lonas do picadeiro. Sabela com sua força para-raios nos livrou do mal do fogo, do frio e da fome. (EVARISTO, 2016a, p. 84)

Ainda nessa última antologia, Evaristo promete acionar duas outras linhas de força, enlaçadas por: imperativos da memória ancestral: a exploração da religiosidade sincrética e o recurso ao fantástico, este, talvez, uma exigência para a consecução daquela “justiça cósmica”, perseguida como projeto político de sua escrita e relevante em todos os contos dessa antologia. Dá mostras da primeira o conto “A moça de vestido amarelo”, uma parábola sobre a força do imemorial,

3 Tradução minha de: “*For me – a writer in the last quarter of the twentieth century, not much more than a hundred years after Emancipation, a writer who is black and a woman – the exercise is very different. My job becomes how to rip that veil drawn over ‘proceedings too terrible to relate.’ The exercise is also critical for any person that is black, or who belongs to any marginalized category, for, historically, we were seldom invited to participate in the discourse even when we were its topic.*”

que sinaliza para a imbricação de elementos de filiações religiosas distintas no passado, mas convergentes no sincretismo do presente:

O sonho indicava o fervor da menina diante da fé católica [...] Mas, entretanto, um detalhe não se ajustava bem. Por que a mudança da cor do manto da santa? Azul e branco eram as cores preferidas da Santa católica... (ibid., p. 24)

E como pontificou o padre chamado para o diagnóstico da protagonista, “cada qual sonha com o que está guardado no inconsciente. E no inconsciente, nem a força do catecismo, da pregação e nem as do castigo apagam tudo” (ibid.)

Insólito e alegórico dão ainda tónus especial a pelo menos seis outros contos da mesma antologia: “Rosa Maria Rosa”, “Inguitinha”, “Nossa Senhora das Luminescências”, “O sagrado pão dos filhos”, “Teias de aranha” e “Fios de ouro”. A dotação de forças sobrenaturais a seus protagonistas, figuras femininas em sua maior parte, funciona como vindicação dos ameaçados, vencidos ou injustiçados para bem além dos limites da trama enredada. No rol, incluem-se ações benfazejas de Nossa Senhora das Luminescências; multiplicação milagrosa de pão para os filhos, em “O sagrado pão dos filhos”; exalação de inebriante perfume de rosas dos braços Rosa Maria Rosa; e “desabamento” de paredes sobre os perseguidores cruéis de Inguitinha.

Milagres ainda são notáveis em “Teias de aranha” e “Fios de ouro”, seja por tessitura dirigida de insetos ou a transmutação de cabelos em metal precioso. Natureza e alquimia conspiram, respectivamente, para agasalhar a criança que tem frio, no primeiro caso ou compensar a escrava injustiçada pela raspagem recorrente e violenta de seus cabelos, no segundo. A relevância da ancestralidade se faz presente ainda neste último conto a partir de seu “legado” a gerações futuras. Além de o valor de troca imediato do “ouro capilar” proporcionar a alforria de vários pares da protagonista Halima, a filha de sua tataraneta e guardiã da narrativa, constata que “fios esparsos na frente começam a brilhar em ouro e, bem ali, na altura da moleira, onde se localiza o sopro da vida, um chumaço de fios áureos desponta no alto de minha cabeça.” (ibid., p. 52). Se a memória ancestral gera bênçãos, pagam alto pelo esquecimento, por outro lado, os que se distanciam de suas origens, como Davenir. Incensado por aplausos e holofotes, o dançarino de Dançolândia deixa de acolher os braços estendidos e sequiosos

de sua bisavó, “a mais velha das velhas”, lapso que lhe rende “a ausência dos pés que, entretanto, doíam.” (ibid., p.44).

É imprescindível ainda registrar o *status* da “narradora-guardiã”, aquela que se dirige ao leitor no encabeçamento da antologia, alinhavando suas partes. Sua participação usual em “aparte” de abertura é força motriz na organização de tópicos e temáticas. Seja em primeira pessoa participante, seja como ouvinte mais silente, a voz narrativa se torna emblemática de uma profissão de fé no enigma (da ficção?), talvez, ou em lógicas concorrentes com as da racionalidade, “que pode profanar o enigma e não conseguir esgotar o profundo sentido da parábola.” (ibid., p. 15).

A prosa “parabólica” de Evaristo sugere sabedoria proverbial acerca de vivências sujeitas a lógicas brutais e traumáticas. Nesse sentido, sua “escrevivência” se traduz necessariamente por ações coletivas em que as linhas matriciais biográficas e ancestrais, acentuadamente femininas, se fundem na imaginação memorialística e se alargam em práticas de linguagem e sociais mais amplas. São exemplos dessas práticas os coletivos de leitura e dramatização ancorados na produção da escritora e as bibliografias que passam progressivamente a visitar a produção científica nas universidades. Numa pós-modernidade exacerbadamente escópica e desenraizada das tradições e da comunicação com as gerações antepassadas (SANTIAGO, 2002), a asserção de um “nós” intergeracional é sinal promissor da compreensão de que “a vida está para além do que pode ser visto, dito ou escrito” (ibid., p. 15). Resta anotar, por fim, que a quase exclusividade da marca de gênero nessa memorialística feminina, por outro lado, instiga questões de gênero talvez ainda ocultas sob o véu do que “é terrível demais para se relatar”.

Referências

- AGUALUSA, José Eduardo. O arraial da branca atitude. *O Globo*, Segundo Caderno, Rio de Janeiro, 4 jul. 2016, p. 2.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v.1).
- EVARISTO, Conceição. *Histórias de leves enganos e parencas*. Rio de Janeiro: Malê, 2016a.
- EVARISTO, Conceição. “Estamos lendo uma nação incompleta”, diz autora sobre falta de negros na Flip. Entrevista concedida às Rádios EBC, 4 jul. 2016b. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2016-07/estamos-lendo-uma-nacao-incompleta-diz-autora-sobre-falta-de-negras-na-flip>>. Acesso em: 11 dez. 2018.
- EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Rio de Janeiro: Nandyala, 2011.
- EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: literatura e consciência negra. Entrevista concedida a Bárbara Araújo (Blogueiras Feministas), 30 set. 2010. Disponível em: <<https://blogueirasfeministas.com/2011/11/22/conceicao-evaristo/>>. Acesso em: 11 dez. 2018.
- MORRISON, Tony. The site of memory. In FERGUSON, Russell, et al. (Ed.). *Out there: Marginalization and Contemporary Culture*. New York/Cambridge: The New Museum of Contemporary Art/The MIT Press, 1992. (Documentary Sources in Contemporary Art v. 4).
- ROSITO, Valeria. Insubmissas lágrimas de Conceição Filomelas Evaristo. In SALGADO, Maria das Graças; ROSITO, Valeria (Orgs.). *Degenerações – perspectivas de gênero nas artes e nas ciências*. Seropédica: Editora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - EDUR, 2013, p. 87-94.
- SANTIAGO, Silvano. O narrador pós-moderno. In *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p. 44-60.
- SOUZA, Kelly. Conceição Evaristo, escritora nascida em 1946, em Belo Horizonte. In *Beleza e Empoderamento*. Disponível em: <. Acesso em: 4 jul. 2016.